

FAINTICAO PUBLICO

MEMORIA
SOBRE O
REINO ENCANTADO
NA COMARCA DE VILLA BELLA
—POR—
ANTONIO ATTICO DE SOUZA LEITE
Com um juizo critico do Conselheiro
Tristão de Alencar Araripe

2a EDIÇÃO
POR
SOLIDONIO ATTICO LEITE
(Com a copia do quadro explicativo
existente no Instituto Historico e Geographico Brazileiro)

TYPOGRAPHIA MATTOSO
Rua do Commercio, 51—Juiz de Fora
1898



FANATISMO RELIGIOSO

**MEMORIA
SOBRE O**

REINO ENCANTADO

NA COMARCA DE VILLA BELLA

—POR—

ANTONIO ATTICO DE SOUZA LEITE

Com um juízo crítico do Conselheiro

Tristão de Alencar Araripe

2a EDIÇÃO

POR

SOLIDONIO ATTICO LEITE

**(Com a copia do quadro explicativo
existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)**

TYPOGRAPHIA MATTOSO

Rua do Commercio, 51—Juiz de Fora

1898



274.013-2
1952



15.215
1964

Ao Exm. Sr. Monsenhor

JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

Prelado Domestico de Sua Santidade
Capellão Conventual da Ordem de S. João de
Jerusalem (Malta)
Socio correspondente da Academia de Sciencias e
Artes dos Ardentes de Viterbo,
Da Academia Propereiana de Assis,
Da Academia Câtholica de Roma,
Da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
Do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,
Commendador da Imperial Ordem da Roza,
Commendador da Ordem Militar de Nossa Senhora
da Conceiçāc de Villa Viçosa,
Deputado á Assembléa Geral do Brazil
pela Provincia
de Pernambuco, etc , etc.

DEDICA

Em signal do respeito, amizade, e gratidão, que
lhe vota

C. AUTOR



273.013.C.
1918

A QUEM LER

A 1^a edição do presente trabalho resentia-se de grave falta. Por um lamentavel descuido de Monsenhor Pinto de Campos, incumbido de publical-o, deixara de figurar nelle a estampa alludida no ultimo capitulo.

Sobremodo contrariado com isto, meu Pae deliberou fazer nova tiragem com o fim de preencher a lacuna e, ao mesmo tempo, restabelecer a orthographia constante do autographo, que fôra alterada pelo revisor, no intuito de manter perfeita uniformidade entre ella e a do illustre signatario do juizo critico.

Infelizmente, porém, veiu a falecer pouco tempo depois, sem ter podido realizar o seu justo desejo.

Depois de muitas diligencias improficias, feitas por mim e por um dos meus irmãos, encontrou

este a referida estampa no Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Graças á boa vontade e ao valiosíssimo auxílio do Exm. Sr. Cons. Tristão de A. Araripe, pudemos fazer tirar uma ligeira copia della; e assim fiquei habilitado para, ao menos em parte, satisfazer ao desejo de meu Pae— auctor da *Memoria*.

Quanto á orthographia, resolvi conservar a da 1^a edição. Já não existe o *manuscripto*, e, sem elle, ser-me-ia impossivel restabelecer fielmente a orthographia com que fôra escrito.

Entre a presente edição e a 1^a só ha, portanto, duas diferenças: a inclusão da estampa e a modificação que fiz no titulo do opusculo, que era— «Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado.»

Juiz de Fóra, Janeiro 1898.

Saldanho Leite.

CARTA

*Exm. Amigo e Sr.
Monsenhor Joaquim Pinto de Campos.*

Li o opusculo, que deo-me para examinar, e
conhecer do seo valor historico.

Julgo digno de publicidade o facto extraordinario, de cuja narrativa ocupa-se o autor do mesmo opusculo.

Este facto, que em 1850 atrahio minha atenção, divulgando-o então pela imprensa do Ceará, merece ser conhecido já pela extranheza do cazo, e já pela lição que nos oferece.

Cumpre ao homem pensador estudal-o para conhecer toda a debilidade do espirito humano, e cogitar do remedio aos seus desvarios.

O facto passado nos sertões de uma das nossas mais importantes provincias constitue tão singular desvio da razão, e dos sentimentos do homem, que dezafiaria a incredulidade, si o sucesso não fosse dos nossos dias, si as provas não fossem tão autenticas e robustas, e si agora mesmo não esti-

vessemos prezencando as aberrações do *espiritismo*.

A narrativa do opusculo desenvolve o acontecimento conhecido na tradição vulgar sob a denominação de *reino encantado de Pagehu*.

Com efeito em 1833 alguns fanáticos reuniram-se no lugar denominado Pedra-bonita em Pagehu de Flores, na Província de Pernambuco, e ali nesse fatal congresso por tal forma exaltou-se a malícia da superstição, alimentada pela palavraria de um embusteiro rude e perverso, que pais e mães ofereciam-se com os próprios filhos em holocausto á fabulosa idéa do dezencantamento de um reino, onde o proletário, depois do sacrifício de certo número de hostias expiatorias, ressurgiria nobre, rico, e poderoso!

Para o sonhado dezencantamento era preciso imolar vítimas sangrentas; o fanatismo as deu numerosas e voluntárias.

Mais de 50 pessoas tinham sido sacrificadas sob o cutelo do barbáro profeta na presença e com aplauso de estolidia assembléa de parentes e amigos das vítimas, quando a expiação foi embargada pela ação da autoridade pública.

O homem no vigor dos annos ou já na decrepitude da idade não recuzava-se ao holocausto, e a propria mãe, contente e jubiloza entregava o filão ás mãos do sacrificador.

Quem julgaria possível tal aberração dos mais poderosos sentimentos da criatura humana, quais o aferro á vida, e o amor maternal?

No entretanto a verdade do facto está fóra de qualquer contestação.

Hoje o espiritismo oferece ao mundo cenas igualmente deploraveis.

Em Cuba acaba de passar-se um cazo atróz. Certa mulher julga-se sob o dominio dos espiritos, e para cumprir a ordem destes arranca os olhos ao proprio filho, e tenta depois arrancar os seus, em solemne sacrificio, na prezença de outras mulheres, que entretanto oravão submissas ante simuladas sombras, a cujo imperio obedecião suas infermas e debilitadas mentes !

No acontecimento da Pedra-bonita não operou sómente o fanatismo religioso; ali transparece tambem o pensamento socialista.

Além do sacrificio de criaturas humanas, cujo sangue devia regar as duas pedras graniticas, ficticias torres, e o terreno adjacente para o dezencantamento do misterioso reino, havia o sacrificio de cães, verdadeiros molossos, que no dia do grande evento levantar-se-ião como valentes e indomitos dragões para devorar os proprietarios.

Aquelles que pretendiam a destruição do proprietario pelos seos dragões não refleção, que serião elles mesmos as victimas, porque, si lutavão obstinadamente, o fazião para resurgir fortes, ricos, e poderosos.

Tal é a contradição do espirito humano !

O sofrimento actual suscitava n'esses vizionarios o odio contra o poder e a propriedade, suprimindo-lhes a logica.

Não vião elles, que o verdadeiro dragão, que

devião afagar, não era o animal fantastico, cujo encargo no misterioso reino consistiria em devastar a propriedade com o proprietario, mas sim o trabalho, que não destroe a riqueza existente, antes cria novas fortunas, tirando da mizeria, e dando gózos a quem produz, e não a quem tam somente anniquila.

No horrivel drama de Pedra-bonita revela-se claramente o proletarismo, que ergue -se contra o trabalho e a riqueza, bazes das sociedades civilizadas, e fundamento da grandeza dos povos.

A animadversão do proletariado contra as classes sociaes abastadas em fortuna não é um sentimento da sociedade moderna.

Na India antiga as insurreições da classe subalterna, que depois constituiu esses abjectos pariás; na Judéa do tempo dos essenios e saduceos os assaltos dos ladrões da Ituréa; na Galia dos Romanos a sublevação dos bagódes; em Roma as sedições do monte Aventino, e as commoções da lei agraria; na França da média idade o levantamento da famoza *jacquerie*, não tiverão outra cauza real sinão esse odio concentrado, com que o homem desfavorecido da fortuna considera aquelle a quem ella favonêa.

Essa mesma cauza ergueo os socialistas de 1789 contra a nobreza feudal, e produzio os incendios e as devastações dos communistas de Paris em 1870.

Aquelle que sofre privações, e vê outro farto de gózos e de poder, imputa o seu estado incommodo a uma especie de uzurpação, que se lhe faz, e

encara a alheia ventura como obstaculo ao seu melhoramento. No primeiro ensejo elle busca derribar o suposto usurpador, porque entende, que assim restabelece a condição de igualdade, reivindicando o que julga dever pertencer-lhe.

Não contempla elle na riqueza o fruto do trabalho e da economia, mas sim o exito de um monopólio, que elle aborrece, e que cabe-lhe destruir.

Para isso arroja-se aos mais atrozes atentados: invade a propriedade, e derriba o possuidor

Este sentimento brutal nasce da pouca reflexão, e do desconhecimento das leis sociaes, fundadas nos principios da propria natureza, que fez o homem para lograr o fruto do seu trabalho, e não para usufruir os cabedaelas e as fadigas de outrem.

Idéas erroneas apoderão-se de classes, a quem a indolencia ou o vicio dominão; e d'ahi o pensamento, que leva o homem a desconhecer, que a propriedade extende-se e centuplica-se com o trabalho; e a acreditar, que com a destruição dos proprietarios diminuirá o numero dos monopolizadores da fortuna, com cujo quinhão o proletario então já conta, prelibando as doçuras da riqueza e ensaiando as forças do poder, que ella dá.

A destruição do proprietario é para o proletario uma vingança do passado, e uma esperança do futuro. Mas elle vinga-se em quem não tem culpa, e alimenta uma esperança falsissima.

Si a meditação o guiasse, convencer-se-ia, que, si ha proprietario, é por que este adquirio com o trabalho, e acumulou com a economia; e como

todo o homem tem idoneidade para o trabalho, e pode economizar, a todo o homem é dado ser proprietario, isto é, gozar do fruto do esforço proprio na proporção da sua actividade, e da sua industria.

As forças da natureza, fontes da riqueza, estão patentes a todos, e são inexauriveis; por isso nos paizes de regimen livre, onde a igualdade é um dogma, e os privilegios não existem, a propriedade não é uma usurpação: é o exito natural do labor diligente e honesto, regrado pela economia.

Não admira, que nas antigas sociedades européas surja o perigozo antagonismo da riqueza e do pauperismo; porque ahi ha população excessiva em sólo estreito e exausto; d'onde resulta inevitavel desproporção entre a produção e o consumo.

Pode pois conceber-se os assomos e os crimes dos petroleiros da communa de Paris em 1870, porque ali a mizeria violenta o homem, e o incita a rebelar-se contra as leis e os principios sociaes, a cujos vinculos elle imputa a origem da sua desgraça.

Em paizes novos, porem, como o Brazil, onde a população é escassa, e o sólo vasto e uberrimo, apto para produzir com superabundancia para uma povoação de centenas de milhões de almas, quando ella ainda hoje é apenas de dezenas de milhares, é por certo notavel a iniciação das doutrinas do communismo.

A idéa do communismo, idéa do gôzo do alheio trabalho, transpira no meio de incultas selvas do ameno Pernambuco, e é afagada por toscos e rudes

camponios, que já ambicionão a pratica d'aquillo cujo nome nem ao menos conhecão.

Demonstra o facto, que si na Europa o comunismo surge pelo pauperismo e mizeria social em razão do esgotamento das terras, e desproporção da população com os recursos do solo, no Brazil, sem povoação correspondente, e no meio de extensa fertilitade de extensíssimos terrenos, elle pode surgir como fruto da ignorancia agitada pela malevolencia dos velhacos e perversos.

Nas sociedades gastas do antigo continente o mal só é curavel pela emigração para as recentes terras da America: no Brazil o remedio está na ilustração do povo.

Graças ao patriotico governo, que cuida do importantissimo assunto da instrução publica!

Com a propagação das luzes e das idéas religiosas, tão proficuas ao ente racional, conseguiremos infinitos bens, e removeremos danos gravíssimos.

A ilustração dá ao homem o conhecimento dos seus direitos, e das suas obrigações; elle torna-se ente social, e facil de ser dirigido, porque sabe harmonizar os seus fins individuaes com os fins geraes da sociedade.

O meu amigo, que já com a sua palavra na tribuna, e já com seos escritos na imprensa tem alentado a idéa da instrução popular, reconhecerá pela leitura do prezente opusculo com quanto acerto ha propugnado pelo ensino nacional como remedio aos males publicos.

A autoridade, que lhe dão os estudos do gabinete, e a experienzia das viagens em estranhos

povos, muito pode concorrer para animação da idéa do ensino, e seo pleno dezenvolvimento em nossa patria, por cujo progresso sempre o tenho visto empenhado.

O ensino é uma idéa essencialmente cristã: elle pois encontra no meu amigo um cultor sincero e proficiente. Continue a dar-lhe o impulso da sua palavra.

A tragedia reprezentada nas brenhas de longinquo sertão é digna de ser contemplada; por isso o autor do opusculo, divulgando o acontecimento com as suas horriveis circumstancias, bem merece das letras e do seo paiz.

Aceite V. Ex. a estima do

Seo P. e amigo

T. DE ALENCAR ARARIPE

Rio 30 de Junho de 1875.

AO LEITOR

Na dupla intenção de satisfazer a curiosidade propria e de prestar ao mesmo tempo ao Instituto Archeologico e Geographico desta provincia, do qual sou indigno socio, algum serviço, pude realizar em Julho do anno passado, em companhia de trinta e quatro pessoas (inclusive muitas senhoras), por caminhos montanhosos e algumas vezes abertos á vivo ferro na mata virgem, uma viagem, que projectava, ha tempos, á antiga Serra-formoza, hoje Serra do Reino, afim de observar de perto a celebre — Pedra-bonita, na qual, 36 annos antes, cerca de trezentos individuos moral e fizicamente embriagados com os embustes e beberagens, que lhes ministraram dous mamelucos, sa-

crificaram dentro de dous dias e meio cincuenta e tres de seus companheiros em prol do evento ou restauração do Reino d'el-rei Dom Sebastião.

Alem de já existir entre os meus companheiros de viagem mais de uma pessoa habilitada para dar-me os mais exactos esclarecimentos sobre quazi todas as peripecias dessa tragedia luttuosa, pude reunir alli, si bem que com dificuldade, mais duas testimunhas prezenciaes, alem de um dos emissarios da policia, que, depois do combate e completa extincção do Reino em 18 de Maio de 1838, seguiu e prendeu no centro da provincia de Minas o mame-luco João Antonio dos Santos, 1º rei da Pedra-bonita, por ter sido o unico inventor e iniciador da idéa de sua creaçao.

As testimunhas prezenciaes são duas das nove mulheres salvas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, de saudosa memoria, no combate, que deu ao inculcado rei e seus sectarios no predito

anno de 1838, cujos nomes não declino em attenção aos valiozos serviços, que me prestaram, bem que com indizivel repugnancia.

Com taes elementos, com as discussões deste facto, que muitas vezes provoquei, com o minucioso exame, que fiz, sobre todo o local, que servio de teatro aos acontecimentos, com os documentos officiaes, que pude colher, e mais que tudo com o auxilio de uma estampa, que felizmente encontrei, na qual foram esboçados pelo padre Francisco José Corrêia de Albuquerque, de modo ligeiro, porém bastante expressivo, alem das scenas mais tragicas e horripilantes, que então se deram, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrára cerca de dous mezes depois da catastrofe, quando foi missionar n'aquelle lugar, no louvavel intento de benzer o campo e interrar os mortos, creio puder assegurar aos leitores, que os seguintes apontamentos, si não estão escriptos em estilo elegante

e linguagem castiça, incerram todavia
a verdade historica d'aquelles tristes e
nefastos acontecimentos.

Foi em que esmerei-me, e mais não
se pôde esperar de mim.

A. A. DE SOUZA LEITE.

Recife—Maio de 1875.

CAPITULO I

Estado da comarca de Flores; providencias para melhorar a sua penivel situação.

Tempestuozo e medonho corria o anno de 1835.

A comarca de Flores, retalhada por partidos, que com incrivel incarniçamento disputavam a preferencia dos oppozitores á parochia de Flores (vaga pelo falecimento do virtuozo vigario João de Sant'Anna Rocha), era o teatro de constantes desordens e conflictos, que inspiravam serios cuidados á administração da provincia.

As provocações e ameaças multiplicavam-se por toda a parte, maximé no recinto da propria villa, onde as autoridades, não podendo conter os grupos,

que se hostilisavam em seus recontros, eram por elles ludribiadas, insultadas e até aggredidas, como sucedeua ao Juiz de Direito Pinto Junior, que, depois de um tiroteio, em que foram feridos alguns soldados, foi refugiar-se em comarca estranha, onde aguardou as providencias do Governo. Todos os dias esperavam-se scenas ainda mais desagradaveis e violentas entre os proprios chefes, incitados pelas verrinas publicadas na capital da provincia.

Nessa penivel situação a providencia, que podia mais facilmente acalmar os animos, e salvar o alto sertão do Paguehu, era a que adoptou o Governo da provicia de accordo com o Bispo diocezano, enviando como vigario interino de Flores o venerando missionario Francisco José Correia de Albuquerque, homem o mais idoneo por sua missão apostolica, avançada idade, firmado conceito, e eminentes virtudes, para chamar á concordia o espirito desvairado d'aquelle povo.

Era o padre Francisco Correia um dos homens mais distintos e conceituados do paiz: como cidadão, tinha por vezes reprezentado esta província na Assembléa provincial, e como sacerdote havia encanecido no serviço das missões, que lhe conquistou o mais elevado conceito pela pureza de suas doutrinas, santidade de sua vida, e austeridade de suas virtudes.

Muito fez e conseguiu esse santo varão na regencia interna da freguezia, e nas diversas missões, que abrio em Ingazeira, Flores, Baixa-verde, e Serra-talhada. Sem a presença de um soldado, e sem outro auxilio mais do que a sua palavra autorizada, teve a gloria de pacificar todos os seus freguezes, selando sua obra com a divisão da freguezia de Flores, e criação das novas freguezias de Ingazeira e Serra-talhada, criação que promoveu com todo o interesse na Assembléa provincial, de que era membro.

De quanto valor e efficacia não são

os serviços de um apostolo, que comprehende toda a extensão da caridade, e sabe elevar-se á altura da sua santa missão !

Mas o espirito das trevas tambem tem suas coherencias no implacavel propozito de perder a humanidade, servindo-se ás vezes de instrumentos, ou meios á primeira vista bem insignificantes e despreziveis.

Combatido e vencido na campanha publica, que lhe deu o virtuozo missionario, elle não recuou sinão para assentár de novo as suas baterias em diversa ordem de combate, e jurar a seu perdição de muitos que o zeloso adversario reputára salvos.

CAPITULO II

Principio da propaganda; seo autor, e primeiros adeptos e cooperadores; sagacidade com que começa a predica da sua superstição.

No começo do anno de 1836, isto é, poucos dias depois que aquelle santo missionario conseguira em Flores a tranquilidade publica, um mameluco de nome João Antonio dos Santos, morador no termo de Villa-Bella, então simples distrito de paz e commissariado de policia de Serra-talhada, munido de duas pedrinhas mais ou menos formozas, que mostrava misteriosamente, dizia aos incautos habitantes d'aquelle lugar serem brilhantes finissimos, tirados por elle proprio de uma mina encantada, que lhe fora revelada.

Inspirado ao mesmo tempo n'um velho folheto, de que nunca se apartava, e que encerrava um desses contos ou lendas, que andavam muito em voga acerca do misterioso desapparecimento d'el-rei Dom Sebastião na batalha de Alcacerquibir, e da sua esperada e quasi infallivel resurreição, tratou de propagar pela populaçao d'aquelle e dos vizinhos distritos, que estava sendo conduzido todos os dias por el-rei Dom Sebastião a um sitio pouco distante do lugar de sua rezidencia, no qual mostrava-lhe aquelle, alem de uma lagôa encantada, de cujas margens extrahira aquelles e outros brilhantes, duas bellissimas torres de um templo, já meio vizivel, que seria por certo a catedral do reino na epoca pouco distante da sua restauração.

Assim discorrendo, e nunca se esquecendo de mostrar, entre outros, um topico do folheto, em que o vizionario escriptor, improvisado profeta, insinuava, que:

«Quando João se cazasse com Maria
«Aquelle reino se desencantaria....,

conseguiu elle, graças á ignorancia da populaçāo, e á bem conhecida tendencia, que o espirito humano teve em todas as epochas para abraçar o maravilhoso e fantastico, não só poder realizar o seu casamento com uma interessante rapariga de nome Maria, que sempre lhe fôra negada, como mesmo obter por emprestimo de muitos fazendeiros do lugar, cuja lista seria longo referir, bois, cavallos, e dinheiro em porção não pequena, com a *oneroza condiçāo* de restituir-lhes em muitosdobros, logo que se operasse o pretenso dezencantamento do misterioso reino.

O mameluco era homem sagaz, astuto, e manhoso, e sabia insinuar-se no animo das pessoas a quem comunicava os misterios, de que se inculcava depozitario. Falava a cada um n'uma gíria especial, e sempre em linguagem adaptada á capacidade, intelligencia, e

interesses d'aquelles em quem pretendia incutir suas doutrinas.

Aos mais credulos e ignorantes falava sem rebuço de Dom Sebastião, da restauração de um reino encantado, e de grandes riquezas: aos menos faceis em acreditar essas patranhas falava apenas em algumas d'estas couzas; e finalmente a quem não seria possível embair contaes embustes, mas, de quem precisava haver dinheiro e protecção para o fim, a que se propunha, falava apenas de um grande tezouro, que achava-se á sua disposição, e cuja publicidade estava apenas dependente de um evento proximo.

Desde o começo da sua predica o auxiliavão seo proprio pai Gonçalo José dos Santos, seu irmão Pedro Antonio, seos tios, e parentes, Jozé Joaquim, Manoel Vieira, Jozé Vieira, Carlos Vieira, Jozé Maria Juca, e João Pilé, os quaes, constituindo por assim dizer o seo apostolado, iam dar testimonho das suas riquezas e fazer repercutir os

seos engenhозos embustes no meio das populações ignorantes de Piancó, Carirí, Riacho do navia, e margens do rio São-Francisco.

O fim, que o impostor tinha em vista, não foi *a priori* conhecido das autoridades, e das pessoas sensatas da localidade, pela sagacidade e simulação, de que uzava para occultar o seu pensamento intimo d'aquelles que podiam contrarial-o.

Entretanto lavrava o erro por entre a ignorancia de uns, a simpleza de outros, e a ambição de muitos, que tiveram a fraqueza de acreditar em suas promessas.

Assim pôde elle com seos embustes perturbar a consciencia de um povo, que sempre foi considerado o mais pacífico da comarca.



CAPITULO III

Descripção do scenario, onde passão-se os atrozes acontecimentos produzidos pelo fanatismo de uma abominavel ceita.

A Pedra-bonita ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas piramides immensas de pedra massiça de côr ferrea e de forma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande similaridade com as torres de uma vasta matriz, á uma altura de 150 palmos aproximadamente, ou 33 metros.

A que fica para o lado do nascente mede 78 palmos de circumferencia na baze, que parece ser o lugar da sua maior grossura, e é dous ou tres palmos

mais alta do que sua companheira, si bem que duas vezes mais fina do que ella. Por esta cauza e em consequencia de uma especie de chovisco prateado, de que está coberta de meia altura para cima, e que parece infiltração de mala-caxetas, adquirio ella o nome de Pedra-bonita, em completo prejuizo de sua companheira.

O espaço, que fica entre uma e outra piramide, tem 25 polegadas de largura, e dá entrada por duas diversas aberturas, uma ao norte, e outra ao sul, para um corredor de trinta palmos de fundo, sempre claro e arejado por cauza da grande porção de luz e de ar, que constantemente o perpassam.

Ao poente, e logo na extremidade da segunda piramide, ou torre, ha uma pequena sala meio subterranea, a que chamavam santuario, não só por ser o lugar onde primeiramente entravam os noivos depois de cazados pelo falso sacerdote da seita, o intitulado Frei Simão, ou Manoel Vieira môço, como

porque era ali, que o pseudo vaticinador, o perverso João Ferreira, affirmava em suas praticas, que resuscitariam gloriozamente com el-rei Dom Sebastião todas as victimas, que lhe fossem offerecidas.

Esta sala, que tambem servia de refeitorio a compagnia (ao menos nas épocas festivas), como ainda hoje atesta a grande quantidade de fragmentos de louça branca, que se vê ali, é formada pelo grande vacuo, que deixam por debaixo de si tres pedras grandes, que partindo cada uma de seo ponto, sul, norte, e poente, vieram descançar suas pontas na segunda piramide, na altura de quazi duas braças.

Apezar de meio subterranea, como fica dito, é esta sala sempre clara e arejada a qualquer hora do dia, por cauza da sufficiente abertura, que cada uma d'estas pedras deixava nos pontos de juncção entre si e sua companheira.

Ao sul d'esta sala, porém proximo d'ella, elevam-se varias pedras grandes

sobre-postas umas ás outras, as quaes formam por sua vez, e na altura de 30 palmos, uma especie de caramanxão abobadado, cujo pavimento ou assoalho inferior, sobresahindo, ou antes exten-dendo-se horizontalmente até muito perto da segunda piramide ou torre, fórmā n'esse mesmo lado uma especie de bacia raza, ou terraço pensil, capaz de acommadar 25 ou 30 pessoas.

Este lugar tinha o nome de trono, ou pulpito, por ser d'elle que João Ferreira, inculcado profeta, pregava aos seos se-ctarios.

Cerca de duzentas braças ao norte das duas piramides existe um penedo colossal, cuja concavidade natural, na parte inferior, formava um grande es-condrijo, que augmentado por uma profunda excavaçāo, que ali fizeram os sebastianistas, adquirio proporções para comportar o numero de duzentas pes-soas.

Este lugar é conhecido pelo nome de Caza—santa, por ser ali que o perverso

João Ferreira recolhia e embriagava os seos associados, ministrando-lhes beberagens todas as vezes que pretendia victimas voluntarias para o reino.

O reboliço, que produz o vento sobre a folhagem dos catolezeiros, que quaes espetros mudos, ou selvagens semi-nús, se aproximam em grupos da maior das duas piramides, como si quizessem combater ou derrubar; o constante cantarolar dos vizitantes, que pretendem assim desterrar os inumeros cardumes de fantasmas, de que têm povoada a propria imaginação, de dentro das fendas e cavidades dos rochedos, em que vão penetrando em busca de alguma curioza antigualha; e a invencivel disposição do espirito para acorrentar-se ao passado, exhumar, e fazer passar por diante do viajante até o ultimo dos personagens d'aquellas scenas malditas; tudo isto, digo, torna esses lugares tão sinistramente pavozos que basta a quéda de um fruto, ou a carreira inesperada de um animal, que nos evita,



274.013-C - 1957

para produzir um choque extraordinario, sobretudo nas pessoas de organização nervosa e de alma um tanto impressionavel.

CAPITULO IV

Receios pelo progresso do prozelitismo; missão do padre Francisco Corrêia, e seo exito; retirada do falso profeta para fóra do distrito de Flores.

Bem diferente tornou-se o aspecto do distrito da Serra-talhada depois da propagação das doutrinas do mameluco. Seos esforços e os dos seos mais ar-dentes sectarios iam engrossando gra-dualmente a seita com multiplicadas conquistas feitas nas ultimas camadas da sociedade.

As pessoas honestas e bem intencio-nadas já começavam a receiar os máos effeitos da propaganda, não porque antevissem o desfexo sanguinolento, que mais tarde foi posto em scena, mas por-

que, desviado o povo da crença da verdadeira religião, e do seo honesto trabalho e occupação, na esperança de indemnizar-se com os tezouros prometidos, não podia essa alteração nas crenças e costumes dos novos sectarios deixar de arrastal-os á pratica do furto, roubo, e outros crimes.

Essas e outras considerações, que assaltavam o espirito dos homens sensatos, moveram o padre Antonio Gonçalves Lima, sacerdote de vida exemplar e alta reputação moral, a reclamar a prezença do missionario padre Francisco Correia n'aquelle distrito, afim de abrir uma missão especial no intuito de desfazer os embustes da perigoza seita, que se erguia no meio de um povo honesto e laborioso, com vizos de perdel-o.

O incansavel apostolo, apezar da sua idade septuaginaria e falta de saúde, não se fez esperar; acudio imediatamente ao reclamo de seo confrade e amigo, que de viva voz lhe expoz o es-

tado das couzas, e os meios que em sua opinião deviam ser empregados para combater a seita em seos fundamentos, desmascarar o impostor em suas pretenções, e livrar o pobre povo das garras do falso profeta.

Instruido de tudo quanto havia, segui o caridozo ancião para a fazenda Caxoeira, pertencente ao capitão Simplicio Pereira da Silva, por parecer-lhe ficar mais proxima dos lugares, em que mais enraizada se axava a doutrina plantada pelo mameluco, e ali xegando expedio emissarios em sua procura, e tratou de missionar alguns dias com o unico fim de dezarraigar do espirito do povo tão perniciozo fanatismo.

Felizmente comparecêo o impostor, ainda durante as missões, perante o admiravel levita, e depois de entregar-lhe as duas pedras, que estavam bem longe de ser brilhantes, e depois de publicamente confessar os seos embustes, promette-lhe retirar-se do lugar; o que poz logo em execução, procurando os

lados do Rio do Peixe, e passando d'ali aos de Inhamuns, e isto somente por conhecer que a sua permanencia em Serra-talhada, alem de escandalosa e impossivel pelos embustes e dulos ja divulgados, tornar-se-ia contraria á propaganda da sua propria doutrina.

CAPITULO V

Revelação do segredo, e expozião das atrocidades praticadas na Pedra-bonita.

Eram mais de dez horas da manhan do dia 17 de Maio de 1838.

Sentado com seos irmãos Cipriano e Alexandre Pereira, na frente da caza de sua fazenda Belem, situada cinco leguas ao poente de Serra-talhada, o commissario de policia d'aquelle distrito, major Manoel Pereira da Silva, praticava com elles a respeito do abandono, em que estavam os gados da sua fazenda Caiçára, depois da inesperada auzencia do seo vaqueiro Jozé Gomes, e dava, uma vez por outra, algumas ordens, já aos escravos e já aos vaqueiros reunidos ali, relativas á vaquejada, que

n'aquelle dia dezeljava fazer nos pastos d'aquella fazenda.

A manhan tinha sido bastante xuvoza, e por esta cauza não estavam ainda presentes todas as pessoas, que tinham sido xamadas para tomar parte n'aquelle expedição.

Varios grupos de cavallos da fabrica, que notavam-se com as sellas e de bridas amarradas na garupa, pastando pêados no pateo da fazenda, ou prezos aos arvoredos, que havia na frente e nos arredores da caza, bem mostravam, que, apezar da xuva que cahira, e da hora já muito adiantada do dia, a vaqueijada estava prestes a partir.

De repente aproxima-se, e ajoelha-se diante do commissario um individuo, cuja xegada ninguem notára pelo grande movimento das pessoas e dos cavallos, que constantemente cruzavam na frente da caza, e a quem á primeira vista não era facil reconhecer-se, por axar-se imundo, andrajôzo, desfigurado, e assustado, como se viesse fugindo de uma

d'essas prizões subterraneas, em que os poderozos barões da idade média costumavam pôr a pão e agua os seos mais rancorozos adversarios.

O individuo, que se axava aos pés do commissario, e cujo estado degradante os leitores acabam de ver, foi em breve conhecido de todos. Era Jozé Gomes, o vaqueiro, que, ha mais de vinte dias, desaparecera, abandonando a fazenda Caiçara, e agora assim prorompia em suplicantes vozes:

«Valha-me, meo amo, e perdõe-me pelo amor de Deus!

«Levante-se; conte-nos d'onde vem, aonde esteve, e porque quer valimento?» Respondeo o comissario, levantando-o e indicando-lhe uma cadeira. Em seguida disse para uma mulata, que passava:

«Custodia, dize a tua senhora, que venha ver de que modo me apareceo o nosso vaqueiro Jozé, e traze depressa alguma comida e um pouco de café.»

O silencio, que seguiu-se, foi profun-

do, porque Jozé Gomes ia falar, e todos ali previam, que alguma couza extraordinaria lhe devia ter sucedido. Elle, depois de sentar-se, ou antes depois de cahir sobre a cadeira, assim expôz o sucesso:

«Meo amo, fazem mais de vinte dias, que meu tio Jozé Joaquim veio iludir-me na fazenda de V. S., e conduzio-me para a serra da Formoza para ver muitas couzas bonitas, e ajudal-o na defeza dos tezouros e do reino descoberto por João Antonio, os quaes contou-me, que já tinham sido dezencantados por um rei muito sabio, mandado por elle de longe, e que axava-se com muita gente reunida e as familias da serra ao pé da Pedra-bonita.

«Não sou ambiciozo, mas fui ver, si isto era verdade, para poder crer.

«Em verdade encontrei muita gente ao pé da Pedra-bonita, e vi, não os tezouros, mas o tal rei com uma grande corôa na cabeça, trepado n'uma ponta

de pedra, pregando, cantando, e saltando muito alegre.

«Quando findou a sua pratica, o povo deo muitos vivas a Dom Sebastião, batendo as palmas, e meo primo Manoel Vieira moço, a quem xamão agora frei Simão (*) e estava lá com o pae, a familia, e os irmãos, foi fazer dous caza-mentos (*) de umas moças do Piancó, que não conheci.

«Isto feito, o rei, a quem em parti-

(*) Foi capellão por muitos annos na povoação de São Francisco, distrito da Serra-talhada, um frade portuguez de nome frei Simão do Coração de Maria, religioso da ordem franciscana. Era de costumes dissolutos, e muito conhecido em toda comarca de Flores, onde sempre rezidio até que falleceo em idade avançada, pouco antes d'esses acontecimentos. E' delle que Manoel Vieira moço devia ter tomado o nome.

(*) Estes caza-mentos eram por demais ligeiros e simples. Prezentes os noivos, testimunhas, e es-

cular tambem xamavam João Ferreira, e ás vezes simplesmente Jóca, deo o braço ás duas noivas, e seguimos todos, tocando, cantando, e batendo palmas, para a caza-santa, que é uma especie de subterraneo pouco distante, aberto por baixo de um penedo grandiozo. Ali todos beberam um liquido dado pelo rei, ao qual xamavam vinho encantado (**) e fomos fumar em caximbos para vermos as riquezas.

pectadores, o intitulado frei Simão, proferindo certas palavras cabalisticas, mandava a noiva apertar com os seos os beiços do noivo, entregando-a em seguida ao rei para dispensal-a. Consistia esta dispensa em passar a noiva ao poder do rei, que a restituia no outro dia ao marido completamente dispensada.

(**) Certa composição de jurema com manacá, muito uzada pelos selvagens, e pelos curandeiros de feitiço e de mordeduras de cobra: tem a propriedade do alcool e do opio ao mesmo tempo.

«Todos os dias sahiam meo tio Jozé Joaquim, Gonçalo Jozé, Carlos Vieira, Jozé Maria Juca, e outros, e quando voltavam conduziam homens, mulheres, meninos, e cães, que enganavam, e traziam, furtando os caminhos, como sucedeo comigo.

«Sempre que o rei João Ferreira pregava, dizia: que seo irmão e rei João Antonio estava reunindo gente no Ca-rirí, d'onde brevemente voltaria para ajudal-o nos trabalhos da restauração do reino; que aquelle reino era de muitas glorias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se dezencantava com sangue, era necessario banhar-se as pedras e regar-se todo o campo vizinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças, e de irracionaes; que isto, alem de necessario para Dom Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajozo para as pessoas, que se prestavam a socorrel-o assim; porque, si eram pretas, voltavam alvas como a lua, immortaes, ricas, e poderozas; e si eram

velhas, vinham moças, e da mesma fórmā ricas, poderozas, e immortaes, com todos os seos.

«Quando não estava pregando, assistiamos a algumas festas de caza-mentos, porque sempre os havia, ca-zando ás vezes um homem com duas e trez mulheres, ou bebiamos do vinho, que mostrava os tezouros, ou finalmente iamos aos roçados, e ás cazas da serra, que ficavam ahi perto, buscar frutas e legumes. Tambem cantavamos muitos bemditos e rezas, mas comia-se pouco, e era prohibido lavar pannos e roupas antes de dezencantar-se o reino.

«As. pessoas de confiança eram as unicas, que andavam por fóra, e si a necessidade do serviço exigia muita gente, como na péga dos gados, cada pessoa suspeita era sempre acompanhada por duas e trez de confiança.

«Havia muita gente grande no reino, a quem todos, excepto o rei, obedeciam, porém os primeiros eram—Gonçalo Jozé dos Santos e Jozé Maria Juca (hoje fi-

nado), por serem paes dos douis reis, João Antonio e João Ferreira; seguiam-se depois a rainha, que é Jozefa, filha de Gonçalo Jozé, e mulher de João Ferreira; Pedro, e Izabel, irmãos d'aquellea, meo tio Jozé Joaquim, e toda a familia Vieira em geral.

«Iam assim passando-se os tempos, até que no dia 14 deste (oh ! que dia infeliz e horrorozo...) o rei, depois que deo muito vinho a todos, declarou: «Que Dom Sebastião estava muito desgostoso e triste com o seo povo....»

«E porque? Perguntaram os homens muito afflictos, e as mulheres todas muito xorozas....

«Porque são incredulos!... porque são fracos!... porque são falsos!... e finalmente, porque o perseguem, não regando o campo encantado, e não lavando as duas torres da catedral do seo reino com o sangue necessario para quebrar de uma vez este cruel encantamento» proferiu o rei e outra voz muito

lamentoza, que pareceu sahir de detraz d'elle.

«Ah ! meo amo e senhores, o que depois d'isto seguiu-se é horrivel?....

«O velho Juca foi o primeiro, que correu, abraçou-se com as pedras e entregou o pescoço a Carlos Vieira, que o cortou cerceo, pois já lá estava com um facão afiado.

«Como ? (bradaram o commissario e todas as pessoas presentes horrorizadas); pois elle matou o velho devéras ? Estaes sonhando, Jozé?....

Sim, meu amo, matou, e não foi este só. Mataram ainda muitos homens, muitas mulheres, muitos meninos, e creio, que continuam matando!....

«Jezus, meo Deos, que horror !» Exclamaram de novo as mesmas pessoas, acrescentando:

«E quem matou essa gente, Jozé ? Estaes doudo, ou estaes mentindo !» Gritou o commissario, pegando-lhe do braço e sacudindo-o com força....

«Antes estivesse doudo, ou mentindo,
meo amo...»

«Quando o rei concluiu o discurso,
de que falei, e o velho Juca se apresentou a Carlos Vieira, as mulheres e os homens iam agarrando os filhos, que estavam ali, ou iam buscal-os fóra, e vinham entregal-os ao mesmo Carlos Vieira, a Jozé Vieira, e a outros, que lhes cortavam os pescos, ou quebravam lhes as cabeças nas mesmas pedras, que untavam de sangue.

«N'essa ocasião aproveitei-me da confusão e horror, que havia, e fugi sem ser visto: mas com tanto espanto e infelicidade, que andei mais de douz dias perdido, sustentando-me simplesmente d'água e de frutas.»

Mal acabava a narração do tragico e horrido sucessor, quando entra na sala um escravo, o qual tira um papel, e o apresenta ao commissario, dizendo:

«Aqui está este bilhete, que meo senhor mandou.»

O commissario, tomando o bilhete,
lêo o seguinte em voz alta:

«Compadre Manoel Pereira.

«Hoje, muito cedo, mandei um portador á lagôa da Formoza xamar o compadre Manoel Vieira e os filhos, paia virem me ajudar esta semana na desmanxa da mandioca dos Póços. Muito antes de xegar na serra encontrou elle com dous meninos, que vinham fugindo ás carreiras da Pedra-bonita, aonde lhe disserão, que estava havendo, ha dous ou tres dias, grande mortandade de gente para dezencantar-se um reino. Creio, que isto será verdade, porque a familia do compadre Manoel Vieira e outras por ali vivem, ha muito, metidas por lá sem me aparecerem, e acreditam, que ha nas pedras um grande reino, que só se dezencanta com sangue. A mim tem elles dito isto muitas vezes.

«Seu compadre e amigo
MANOEL LEDO DE LIMA.

«Poços, 19 de Maio de 1838.»

CAPITULO VI

Dispozições da autoridade policial para dissolver o ilícito ajuntamento; marxa da força expedicionaria dirigida pelo commissario de policia; xegada d'esta junto á Pedra-bonita; estado em que foi encontrado o inculcado rei, falso profeta da seita.

O commissario major Manoel Pereira da Silva, mais tarde coronel e commandante superior dos municipios de Flores, Ingazeira, e Villa-Bella, era um dos mais bellos caracteres, que tem tido os sertões d'esta província.

Fazendeiro rico e abastado por si e sua numeroza familia, não era com tudo o ouro que o considerava e distinguia entre os seos concidadãos, mas sim um complexo de qualidades raras e de virtudes civicas e moraes, que difi-

cilmente se encontram reunidas no mesmo individuo.

Coração bem formado, magnanimo, e generozo, alma nobre, liberal, e franca, espirito recto, maneiras brandas, e trato ameno, eram qualidades, que desde o verdor dos annos distinguiam o major Manoel Pereira, em quem todos folgavam de reconhecer os predicados de bom pae, bom filho, bom irmão, bom esposo, bom amigo, bom cidadão.

Seo amor ás instituições era o mais ingenuo; sua lealdade politica um modelo; sua dedicação ao serviço publico uma abnegação dos proprios interesses.

Em uma palavra, ninguem melhor do que elle comprehendia os deveres de cidadão; e nenhum cidadão prestou ainda no interior de Pernambuco tão relevantes serviços no espaço de mais de 30 annos de sua vida publica.

A dolorosa impressão, que produziu em seo espirito a estranha narração de Jozé Gomes, confirmada pelo bilhete, que acabava de receber, despertaram-

lhe a idéa de partir immediatamente para o lugar onde o fanatismo entronizado pela maldade, e o crime requintado pela ambição despedaçavam a innocencia, ameaçando a justiça, e anniquilavam a moral, pondo em perigo a religião.

Sem considerar no perigo, á que podia expô-lo um acommetimento precipitado; sem requizitar a força publica, que axava-se á 15 leguas de distancia; e sem recorrer mesmo aos seos numerosos amigos e irmãos, que rezidiam mais afastados, rezolveo partir no dia seguinte muito cedo, e dar combate ao inimigo com aquella gente de sua vizinhança, que podesse reunir até aquella hora, e com os poucos moradores, que fosse encontrando nas fazendas, que margeavam os caminhos, por onde Jozé Gomes, que servir-lhe-ia de guia, devia encaminhar a força.

Alem do seo amor á cauza publica, duas circumstancias poderozas arrastavam o commissario Manoel Pereira da

Silva a fazer esta marxa com uma temeridade e precipitação incongruentes com a sua comprovada prudencia e reconhecido bom senso.

Estas duas circunstancias eram primeiramente o grande contingente de forças, que no dia seguinte, 18 de Maio, o seo destemido e intrepido irmão, capitão Simplicio Pereira da Silva, devia trazer para encorporar ás suas, nas imediações da serra da Formoza; e em segundo lugar a tenaz insistencia, que os seos douis irmãos Cipriano e Alexandre Pereira empregaram perante elle (sobretudo depois que souberam de um ataque, que os sebastianistas se propunham a fazer em suas caças e fazendas), para que fossem immediatamente combater o inimigo.

Assim, não obstante ter-se elle empregado durante toda a tarde e quasi trez partes da noite do dia 17 do mez de Maio em expedir portadores para diversos pontos, e em prevenir-se de armas e cartuxos, já axava-se de marxa

para a serra da Formoza, em companhia de seos dous irmãos, e á frente de 26 paizanos bem montados, armados, e dispostos, quando a aurora do dia 18 do dito mez começava a derramar sua rozeada luz sobre as aguas prateadas do riaxo Belem.

Tamanha sofreguidão e açodamento levava em sua marxa esta cavalhada, que apezar do pessimo estado do caminho, e de algumas pequenas paradas, que teve de fazer nas fazendas Caiçara, Poços, e Sítios-novos, aonde foi aumentada com mais nove cavaleiros, axava-se por volta de uma hora da tarde no sopé da Serra-formoza, no lugar denominado Gameleira, cinco leguas distante da fazenda Belem, e uma, quando muito, da Pedra-bonita.

Devendo ser ali o ponto de reunião d'aquella com a força do capitão Simplicio Pereira da Silva, que infelizmente ainda não havia xegado, rezolvêo o commissario fazer alto n'aquelle lugar, afim de refazer os cavallos, e dar tempo

á xegada tanto d'aquella força como de outra, que devia ter partido na mesma manhan da fazenda Santa Rita e outros pontos. Infelizmente não sucedêo assim; porque estando já apeado com alguns soldados em uma cazinha, que havia ali, foi forçado a montar-se de novo para acompanhar seos douis irmãos, que já haviam desaparecido, seguido de alguns companheiros, em direçāo á Pedra-bonita.

N'aquelle tempo, como ainda hoje, a serra da Formoza, não obstante a sua grande fertilidade e excelencia para quazi toda a especie de agricultura, tinha apenas uma meia duzia de familias, que moravam em xoupanas de palha, e trabalhavam proximas umas das outras, e era tecida ou trançada de continuados balseiros de juremas, giquirizeiros, unhas de gato, e outros espinheiros baixos, que só podia galgar quem, como o Major Manoel Pereira e a força sob seo commando, tivesse um pratico, que lhe mostrasse as estreitas e rarissimas

veredas, de que se serviam pouco frequentemente os respectivos moradores.

Sendo uma das mais tranzitaveis aquella que a força seguira, tinha alem d'isso a vantagem não pequena de ir ter a umas capoeiras velhas, onde os espinheiros eram substituidos por um capinal altissimo, algumas ervas baixas, e uma meia duzia de umbuzeiros ramificados, poupadados pelo fogo e pelo maxado d'aquelles moradores.

Estes umbuzeiros ficavam pouco distantes da Pedra-bonita; e era debaixo d'elles que o commissario concordára afinal com seos irmãos em dar descânço á força, e deixar os cavallos.

No momento, porém, em que os douis irmãos Cipriano e Alexandre Pereira e os poucos soldados, que os seguiam de perto, se aproximavam das capoeiras, e se dirigiam a aquelles umbuzeiros, axaram-se face á face com Pedro Antonio, o qual estava com uma grande corôa de cipó na capeça, nú da cintura para cima, acompanhado de um

sequito numerozo de mulheres, meninos, e de homens, como elle, simi-nús e armados de facões e cacetes.

Para seguir a ordem natural dos factos e instruir os leitores da cauza, por que tres dias antes tendo ficado os sebastianistas ao pé da Pedra-bonita, sob o commando do seo improvisado rei João Ferreira, apresentavam-se agora commandados por Pedro Antonio, em lugar diverso, e não esperado, retrogradarei um pouco, afim de narrar os acontecimentos, que se deram ali depois da fuga precipitada do vaqueiro Jozé Gomes.

E será este o objecto do seguinte capitulo.

CAPITULO VII

Inauditas scenas de atrocidade e fereza passadas na Pedra-bonita; immolação do rei João Ferreira, e substituição d'este pelo rei Pedro Antonio.

Os sacrificios começados no nefasto dia 14 de Maio, e referidos por Jozé Gomes da forma por que vimos no capitulo quinto, continuaram nos seguintes dias 15 e 16 com o mesmo, si não com maior desvairamento; porquanto o monstruozo e perverso João Ferreira, uzando todos os dias de expedientes e embustes sempre novos, conseguira mergulhar aquella turba n'uma especie de delirio, ou embriaguez continuada.

No auge supremo d'esta embriaguez, um pardo de nome João Pilé, filho das

margens do rio São Francisco, e ha annos morador nas immediações da Serra-formoza, para dar um testimunho da sua adhezão, e obter o melhor erquinhão o reino, subio ao cume de um roxedo proximo, e precipitou-se com dous netos nos braços de uma altura maior de 50 palmos.

O instincto de conservação, reagindo contra a loucura n'aquellea ocazião, obrigou-o a salvar-se, si bem que muito contuzo (*) e com perda dos dous netos, agarrando-se nas folhas de um rubusto catolezeiro, que encontrou no meio da queda.

Em seguida Jozé Vieira pega em

(*) O abastado fazendeiro Jozé Alves de Carvalho, morador na fazenda Santa Cruz, quatro leguas distante da Pedra-bonita, apresentou-me o seu vaqueiro Jozé Pilé, filho de João Pilé, contandom-me que este ficára tão contuzo da queda, que déra no celebre salto com os dous netos, que levou mais de dous mezes em serio tratamento ali, para poder restabler-se.

um filho maior de dez annos, coloca-o na *pedra dos sacrificios*, e decepa-lhe o braço do primeiro golpe, e isto quando a vltima, ajoelhando-se, bradava-lhe de mãos postas: «meo pae, você não dizia, que me queria tanto bem ?!...»

Uma viuva de nome Francisca, que ainda hoje reside perto d'aquellas paragens, em Caianinha, alimentando a louca pretenção de ser rainha, immola por si mesma seos dous filhos mais novos, e fica em termos de desesperar, quando vê, que escaparam-lhe, fugindo os seos dous filhos mais velhos, João e Livino! (*)

Izabel, irman de Pedro Antonio e do primeiro rei João Antonio, é dezignada para o sacrificio pelo execravel João Ferreira, que respondia ás suas suplicas

(*) Livino rezide hoje no sitio denominado Tamanduá limites de Flores com o Triunfo; e é um d'aquellos meninos de que faz menção o bilhete de Manoel Ledo de Lima, transcritto na ultima parte do capitulo quinto.

e alegações de gravidez, gritando para Carlos Vieira e Jozé Vieira: «Immolae-a mesmo assim, para não sofrer duas dôres; a do parto, e a do encantamento...»

Tão adiantado era o estado interessante d'esta infeliz, que momentos depois de ter recebido o golpe fatal, a criança rolava pela rampa da pedra, e extendia-se no xão!

Uma donzela das partes da Conceição do Piancó, xegada com seos paes n'aquelle mesmo dia, e igualmente designada para o sacrifício, tendo conseguido escapar-se durante a morte de Izabel, é perseguida pelos douis carascos Carlos Vieira e Jozé Vieira e de novo colocada na pedra, onde recebe a morte, como a sua desgraçada companheira.

Finalmente, Jozefa, irman d'esta, de Pedro Antonio e de João Antonio, conhecida como rainha por se ter casado ali mesmo com o monstro, não podendo suportar, sem queixas, o concubinato,

em que vivia seo pretenso marido, recebe d'este setenta e tantas facadas durante a noite do dia 16 !

D'esta forma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execravel e deshumano João Ferreira conseguido lavar as bases das duas torres, ou piramides de granito, e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de 30 crianças, incluzive os douis netos de João Pilé, 12 homens, entre estes seo proprio pae, e 11 mulheres, cujos corpos, (excepto o d'aquella donzella, que correra, o qual fôra juigado indigno de estar com os demais), bem como os esqueletos de 14 cães, que havia morto para o mesmo fim, iam sendo colocados ao pé das pedras em grupos simetricos, conforme o sexo, idade, e qualidade dos mesmos.

Na manhan porém do dia 17, quando o monstro, não satisfeito ainda com o sangue derramado, se dispunha a preparar o povo para novas scenas, Pedro Antonio, indignado pela morte de suas

e alegações de gravidez, gritando para Carlos Vieira e Jozé Vieira: «Immolae-a mesmo assim, para não sofrer duas dôres; a do parto, e a do encantamento...»

Tão adiantado era o estado interessante d'esta infeliz, que momentos depois de ter recebido o golpe fatal, a criança rolava pela rampa da pedra, e extendia-se no xão!

Uma donzela das partes da Conceição do Piancó, xegada com seos paes n'aquelle mesmo dia, e igualmente designada para o sacrifício, tendo conseguido escapar-se durante a morte de Izabel, é perseguida pelos douis carascos Carlos Vieira e Jozé Vieira e de novo colocada na pedra, onde recebe a morte, como a sua desgraçada companheira.

Finalmente, Jozefa, irman d'esta, de Pedro Antonio e de João Antonio, conhecida como rainha por se ter cazado ali mesmo com o monstro, não podendo suportar, sem queixas, o concubinato,

em que vivia seo pretenso marido, recebe d'este setenta e tantas facadas durante a noite do dia 16 !

D'esta forma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execravel e deshumano João Ferreira conseguido lavar as bases das duas torres, ou piramides de granito, e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de 30 crianças, incluzive os douis netos de João Pilé, 12 homens, entre estes seo proprio pae, e 11 mulheres, cujos corpos, (excepto o d'aquella donzella, que corrêra, o qual fôra julgado indigno de estar com os demais), bem como os esqueletos de 14 cães, que havia morto para o mesmo fim, iam sendo colocados ao pé das pedras em grupos simetricos, conforme o sexo, idade, e qualidade dos mesmos.

Na manhan porém do dia 17, quando o monstro, não satisfeito ainda com o sangue derramado, se dispunha a preparar o povo para novas scenas, Pedro Antonio, indignado pela morte de suas

duas irmans, e julgando-se com melhor direito ao supremo poder, por ser irmão do primeiro rei João Antonio, anticipou-se em subir ao trono e d'ali annuncio em voz alta:

«Que Dom Sebastião, cercado da sua corte, lhe aparecera na noite antecedente, e reclamava a presença do rei, unica victima, que faltava para operar-se o sec completo dezencantamento.»

«Viva el-rei Dom Sebastião! Viva nosso irmão Pedro Antonio! ...»

Tal foi o brado unisono de todos os circunstantes.

Em seguida accrescentaram, vendo que o rei tremia a ponto de não suster-se de pé:

«Ao sacrificio Carlos Vieira: ao sacrificio Jozé Vieira, antes que elle se torne indigno como aquella tóla rapariga. Andae, pois elle se amofina!»

Poucas horas depois, Pedro Antonio

era proclamado rei, e o cadaver (*) do seu antecessor, de execranda memoria, era amarrado de pés e mãos fóra do campo em dous grossos arvoredos.

Como já se não respirava ar puro no lugar, onde se axavam tantos cadáveres em estado de putrefação, ordenou o novo rei a transferencia do acampamento para o pé d'aquellos umbuzeiros, onde devia operar-se o aparecimento de Dom Sebastião, e onde estavam construindo cabanas na ocazião do encontro com a força do major Manoel Pereira.

(*) As pessoas que estiveram no reino são concordes em afirmar, sem admitir a minima contestação, e isto desde aquella época até hoje, que viram-se forçadas a quebrar a cabeça de João Ferreira, a extrahir-lhe as entranhas, e a atar o seo cadáver de pés e mãos n'aquellas arvores, por cauza dos berros, das roncarlas, e dos sinistros movimentos, que elle, depois de morto, executava com a boca, com o ventre, e com os braços. Como quer que seja, era este o estado do seo cadáver, quando o missionario Francisco Corrêia o encontrou e dezenhou.



CAPITULO VIII

Encontro e conflito da força legal com os fanáticos; destroço e dispersão d'estes; procedimento humano e generoso do commissario Manoel Pereira da Silva; destino dos individuos aprehendidos.

«Não os tememos. Acudam-nos as tropas do nosso reino!...»

«Viva el-rei Dom Sebastião!»

Assim exclamou Pedro Antonio, agitando no ar a sua corôa, e arremessando-se furioso com todos os seos sobre aquelle punhado de cavaleiros, á cuja frente já de novo se axava o commissario major Manoel Pereira da Silva.

O seo grito de guerra, imediatamente repetido por mais de cem vozes sahidas de todos os pontos d'aquelle

provvisorio acampamento, foi logo solemnizado com canticos da ladainha, bemditos, e oficios entoados pelas mulheres e meninos, que, ora batendo palmas, ora brandindo espertos e cacetes, investiam como outros tantos combatentes em auxilio de seos paes, filhos, irmãos, e maridos, que já se axavam a braços, e em luta aberta com os poucos soldados do commissario.

Os intrepidos e corajozos cavaleiros não recuavam, e á voz do seu respeitavel e distinto xefe, pulando dos cavalos e tomndo a pozião defensiva, que o cazo e circunstancias lhe permitiram, aceitaram o combate no proprio sitio, onde realizou-se o encontro, e no mesmo lugar, onde foram agredidos.

Foi horrivel o combate, que rezultou do encontro das duas forças.

Mais horrivel era o aspecto de um punhado de bravos em luta dezigual, e corpo a corpo (pois que poucos poderao mais de uma vez uzar das espingardas) com uma horda de sicarios de-

zejosos do martirio, e fanatizados com a idéa da immediata resurreição. Muito mais horrivel e horripilante foi a scena, que momentos depois reprezentava o desfêxo d'essa luta sanguinolenta!

Não houve tempo para pensar nos meios da agressão e defeza; e já não era tempo de evitar as consequencias de um conflito todo casual.

Impossivel me seria descrever hoje as scenas e actos de bravura, que no limitado espaço de uma hora pozeram termo ao fanatismo d'aquella desvairada caterva, sepultando com seos corpos as sementes de infernal doutrina.

Sobre o campo do combate ficaram 22 cadaveres, sendo o do rei com 16 dos seos sectarios, incluzive trez mulheres, e os de Cipriano e Alexandre Pereira, irmãos do commissario, com mais trez dos seos companheiros, além de muitos feridos de ambos os lados, entre estes o proprio commissario, cuja vida correu perigo.

Em outro recontro, que minutos de-

pois tiveram os sebastianistas fugitivos com as forças do capitão Simplicio Pereira da Silva, recentemente xegadas, perderam aquelles mais oito companheiros.

A scena mais patetica de todo esse drama foi a que teve lugar depois do combate, quando os valentes soldados do commissario descobriram entre os mortos os cadaveres de seos cinco companheiros de armas. Os parentes e amigos das victimas lançaram-se com incrivel furor sobre as mulheres e filhos dos criminozos, no intuito, como diziam, de não deixarem raça de taes perversos !

Aqui ostenta a grande alma do major Manoel Pereira toda a energia de suas virtudes. Xorando a morte dos seos amigos e companheiros de armas, e especialmente a de seos douis irmãos, elle estendia a bandeira da mizericordia, sobre aquelles infelizes, que lhe suplicavam a vida, e exclamava:

« Meos amigos, perdão para esses

desgraçados... Para que maior desgraça do que terem perdido os seos naturaes protectores, e axaram-se reduzidos a este lastimozo estado ?

«Perdãc para elles, para que Deos tambem perdoe as nossas faltas.

• «Xoremos a perda de nossos caros irmãos e companheiros, sepultemos seos corpos, sufraguemos suas almas, protejamos suas familias, e confiemos na Providencia.

«A isso limita-se o nosso dever.

• «Poupemos estes infelizes, que perdidos pela má doutrina, permitio Deos cahissem em nossas mãos, para serem salvos pelo espirito da verdadeira religião.»

Nunca o homem eleva-se tanto como quando exerce actos, que mais o approximam da Divindade.

O major Manoel Pereira foi o heroe d'esta scena.

Perdoando as incautas victimas do fanatismo, e obstando o morticinio de tantos innocentes na ocazião solemne,

em que seo coração mais despedaçado se axava pela angustioza perda dos irmãos, revelou-se cristão sincero, e cidadão benemerito, e legou-nos honrada memoria, que durará grata na recordação dos homens justos e sensiveis.

Conhecendò elle quanto perigo corriam fóra de suas vistas as mulheres e filhos dos criminozos ali aprehendidos, segue pessoalmente com elles, escoltados apenas por alguns de seos soldados, visto como ocuparam-se os outros com a condução dos corpos dos cinco companheiros falecidos para serem sepultados na igreja de Serra-talhada, que que distava onze leguas.

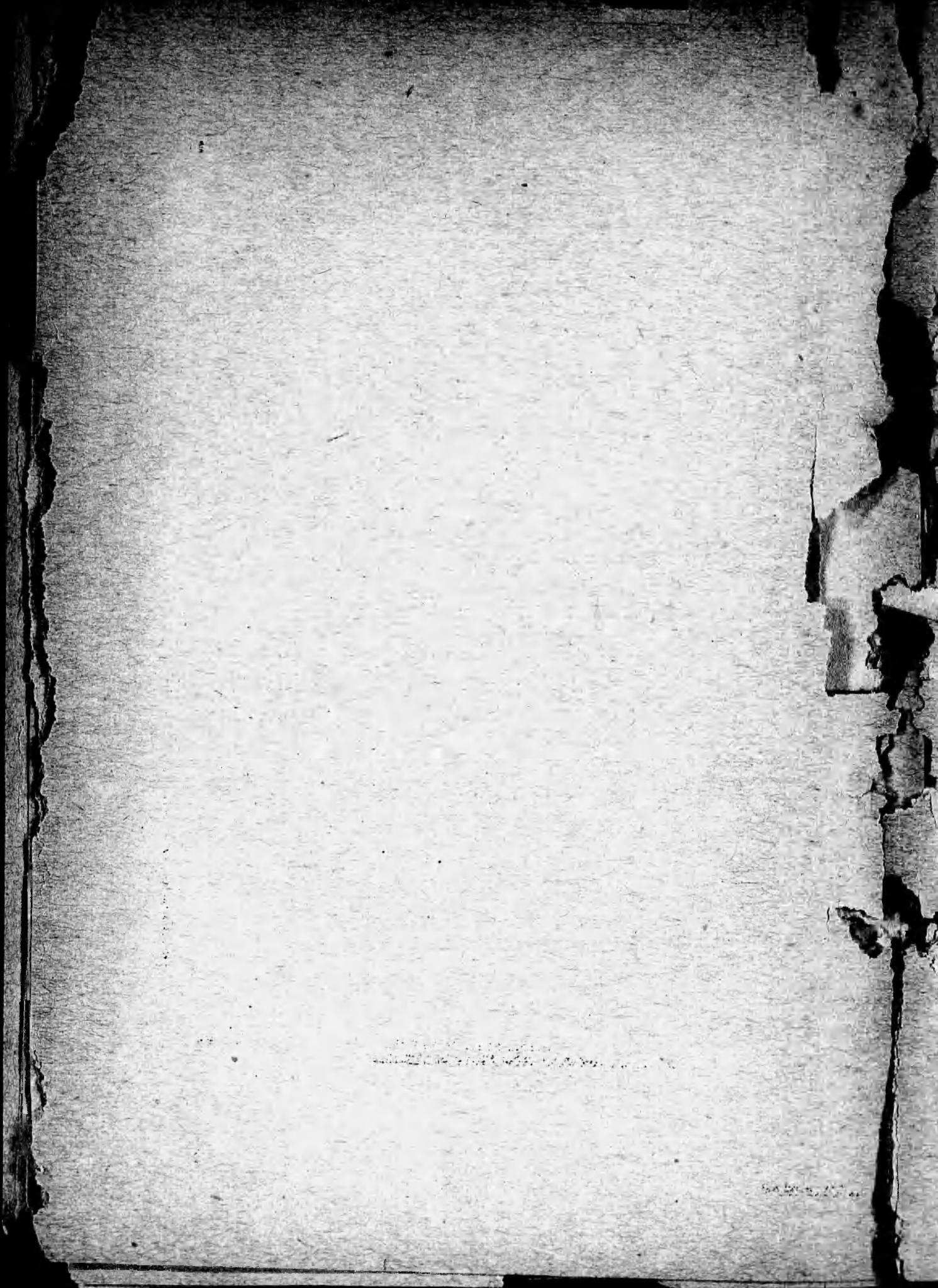
Baldo de mais recursos na ocazião, deo suas ordens a um fazendeiro vizinho da serra, para mandar sepultar os cadaveres dos criminozos, ordem esta que mais tarde soube não fôra cumprida, por terem sido encontrados os mortos em tal estado de putrefação, que inhibiu o enterramento.

Apenas xegou o commissario em sua

fazenda Belem, enviou os prezos com uma communicação mais ou menos circunstanciada ácerca do ocorrido ao prefeito de Flores, Francisco Barboza Nogueira Paes, e este por sua vez, dando siencia de tudo á prezidencia da provinça, como se vê do ofício respectivo, publicado no fim d'estes apontamentos, soltou as mulheres, distribuiu as crianças, e passou os delinquentes á disposição do juiz criminal.

Uma d'essas crianças é o digno tabellão de Flores, Joaquim Jozé do Nascimento Vanderley, educado pelo padre Manoel Jozé do Nascimento Bruno Vanderley, de quem tomou o apelido.

Entre os delinquentes contava-se Gonçalo Jozé dos Santos, pae do rei João Antonio, o qual, condemnado pelo jury de Flores acabou os dias arrastando os ferros já n'esta capital, e já no prezidio de Fernando.



CAPITULO IX

Vem o missionario Francisco Corrêja á Pedra-bonita, prega aos vivos, e sepulta as reliquias dos mortos, pondo no lugar da catastrofe o misterioso simbolo da redempçao cristana, ainda ali subsistente.

O caridozo e bem conhecido missionario Francisco Corrêja axava-se au-zente da freguezia nas épocas, em que tiveram lugar os acontecimentos, que ficam narrados nos trez capitulos antecedentes.

Imagine-se, pois, qual seria a sua aflição e espanto, quando lhe informaram, que apezar da sua abnegação e esforços, as doutrinas do mameluco tinham produzido todos os seus efeitos naturaes, atingindo rezultados por ventura mais tragicos e funestos!

Imagine-se ainda quanto não subiria de ponto essa aflição, quando, dous mezes depois, transportando-se a aquelle lugar, no meio de numerozo concurso de povo, no louvavel empenho de missionar e dar sepultura aos mortos, elle dezenhava com sua propria mão, para servir de lição aos vindouros, as pedras, o campo, e a ossada das victimas, tal qual encontrára; assim como alguns epizodios mais tragicos ali sucedidos, que a estampa patentêa, e elle tanto se esforçára por evitar !

Aquelle lago de sangue, em que se afogarão 53 cadaveres atirados ali por mão perversa, e por uma das mais inconcebiveis imposturas, de que pode fazer menção a historia da humanidade, converteo o santo missionario em uma grande sepultura, na qual com as proprias mãos, e entre lagrimas encerrou toda a ossada dos mortos, esparsos fragmentos escapos aos vermes e á rapacidade dos corvos no curto espaço de dous mezes.

Si os écos d'aquelles piramides fataes podessem hoje repetir-nos todas as palavras do discurso d'aquelle inspirado orador, proferido na ocazião em que, tendo nas mãos os restos do cadaver d'aquella martir donzela, que fôra arredado como indigno do meio dos outros, dava sepultura á ossada dos trinta inocentes como ella sacrificados, por certo teria a posteridade de apreciar um rasgo de eloquencia tão pompozo e sublime quão horrivel e extraordinaria era a catastrofe, que lhe servia de assunto, e que a historia registrará.

Sobre a sepulturados cadaveres mandou o caridozo missionario collocar uma grande cruz de madeira tôsca, que ainda hoje se conserva, e testifica, que ali jazem os restos mortaes das victimas da horripilante tragedia.

Quem por ali passa costuma descobrir-se diante do sinal da nossa redempçao, e rezar um *pater noster* pelas almas d'aquelles finados.



CAPITULO X

Sorte do primeiro autor do embuste, e primeiro rei João Antônio, bem como de outros personagens do drama.

Os leitores naturalmente desejarão saber, que fim levarão João Antônio, e alguns dos outros personagens figurantes n'este drama. Destina-se o presente capítulo a satisfazer esta justa curiosidade.

O mameluco João Antônio, quando presentia imminente o morticínio da Pedra-bonita, retirou-se precipitadamente do Cariri, onde estivera escondido e em comunicação sempre activa com o seo preposto João Ferreira, e foi rezidir com a mulher e uma filhinha

de dous annos de idade nas minas novas de Suruá.

Ahi vivia em uma xóça de capim, que construiria no meio de um arraial de xoupanas iguaes, habitadas pelos mineiros.

Reputa-se elle então sobejamente seguro, protegido pelo capelão das minas, que era o decimo padrinho, que tivera sua filha, assim como por diversos mineiros, e preparava-se talvez para mais tarde pôr em execução alguma nova proêza, quando, em uma esplendida noite de Agosto do mesmo anno, foi agarrado por dous oficiaes de justiça, que o juiz de paz do Cotovelo, Pedro Jozé, forneceo a Roque e Antonio da Cruz, agentes do commissario da Serra-talhada, unicos dos doze, que haviam sido expedidos, que tinham se atrevido a xegar tão longe com a precatoria respectiva.

Quando João Antonio vio-se em poder dos adversarios, longe de maldizer a sua sorte, e mostrar descontenta-

mento, procurou ao contrario captar-lhes os animos e deslumbral-os ao mesmo tempo com promessas de imensos tezouros, que podia, quando quizessem, pôr á sua disposição.

Certo porem de que nenhum partido vantajozo tirava por ahi, e vendo mais tarde que os seos dous condutores vinham seriamente acometidos de febres intermitentes, sofrendo ataques quazi conjuntamente, começou á dirigir-se á mulher em giria desconhecida por elles, na qual ensinuava-lhe, que os matasse, quando estivessem acometidos do mal, porque bastariam as riquezas que elles traziam nos macotes para tornarem-se riquissimos.

Apezar de vir bem algemado e amarrado, e de dormir incommunicavel, e sempre com dobrada segurança, tão precario era o estado de saúde dos doux condutores, quando xegaram á Lagoa-encantada, trez legoas abaixo da villa Xiquexique, que rezolveram matal-o

antes de serem victimas da molestia ou de algum novo ardil.

Assim, por uma coincidencia bem notável, fôra prezo no meio das minas, e viera morrer em uma lagoa encantada aquelle que com embustes de minas e de lagoa encantada, conseguira desvairar e perder tantos infelizes.

Depois de alguns dias de demora, gastos n'aquelle lugar em combater o mal, de que estavam accimmetidos, vieram os dous condutores á Villa do Joazeiro, nas margens do Rio São Francisco, onde estiveram novamente recahidos. Quando melhoraram, souberam, que a viuva do mameluco retirárá-se com a filha para as partes de Santa Catarina, em companhia de uns negociantes, que regressavam para ali.

Jozé Joaquim, Carlos Vieira, Jozé Vieira, Manoel Vieira (pae) morreram no fogo, que tiveram com a força do commissario.

Frei Simão ou Manoel Vieira moço e dous filhos de João Pilé morreram,

aquelle perto da fazenda Lagoinha, e estes entre a serra da Formoza e Conceição de Piancó, em acto de rezistência, com outros companheiros, contra as forças perseguidoras do capitão Simplicio Pereira da Silva.

Finalmente João Pilé ocultou-se no Carirí, e nas imediações de Piancó, onde tempo depois morreu de molestia natural.



CAPITULO XI

Comunicação notavel do facto pelo Prefeito de Flores ao Presidente da provincia de Pernambuco.

O seguinte oficio foi-me fornecido pela Secretaria da prezidencia da provincia, e vae publicado tal qual foi escrito.

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Pela primeira vez que me dirijo a V. Ex., participando o estado d'esta comarca, que, apezar de se axar tranquila, todavia tenho de levar ao conhecimento de V. Ex. o cazo mais extraordinario, mais terrivel, nunca visto, quazi incapaz de acreditar-se: e eu deixaria de noticiar um similhante acontecimento, si não fosse obrigado pelo

dever, que me impõe o emprego, que por V. Ex. me foi confiado, talvez por desconhecer a incapacidade do meu criterio.

Permita-me V. Ex., que por um pouco vá analizando os factos, e prejuizos taes quaes tiveram lugar n'esta comarca, nas imediações de Piancó.

Ha mais de dous annos, Exm. Sr., que um homem de nome João Antonio, morador no sitio Pedra-bonita, distante d'esta villa vinte duas legoas (lugar este composto de bosques, junto aos quaes se axam dous penedos acroceráunios), se lembrou de apresentar uma sizania aos povos, dizendo que n'aquelle lugar existia um reino encantado; e que estava a dezencantar-se, em cuja occasião apareceria el-rei Dom Sebastião, com um grande exercito, ricamente adornado, e que todos os que o seguissem seriam felizes; e foi lidando n'esta seita, até que em dias do mez de Novembro proximo passado, aconselhado

(1) pelo missionario Francisco Jozé Corrêia de Albuquerque, fizesse uma viagem para o sertão de Inhamuns, d'onde mandou um seo enviado de nome João Ferreira, (2) homem hostil, pessimo, e exquizado; de sorte que este lôbo, assim xegado no lugar Pedra-bonita e aclamando-se rei, tratou de trazer os povos rusticos sujeitos a umas idéas superstiozas, dizendo-lhes que para a restauração do reino tornava-se necessário, que fossem immoladas as victimas de homens, mulheres, e crianças, e que em breves dias resuscitariam todos, e ficariam immortaes, sendo esses sacrificios uteis para regar o campo encantado com o sangue humano e dos innocentes, depois do que apareceriam

(1) Imperdoavel defeito de redacção! *Vide* o que acerca d'esse venerando missionario fica dito nos capitulos 1, 4, e 9.

(2) João Ferreira não veio de Inhamuns, porem sim dos lados de Souza ou Catolé do Rôxa. *Vide* o que se dice a respeito no capitulo 5.

as maiores riquezas do mundo, e que todos os pardos do lugar ficariam mais alvos do que a propria lua; de maneira que assim pôde reduzir os povos ignorantes ás suas falsas declamações, e pessima doutrina, e conseguiu, que alguns paes entregassem seos filhos ao cutilo do sanguinario tigre, e no dia 14 do corrente dêo principio ás suas hostilidades, assassinando até o dia quarta-feira 16 d'este mesmo mez vinte e um adultos (3) e vinte e um parvulos de ambos os sexos, e cazando cada homem com duas e trez mulheres, sendo este contrato feito pelo mesmo idolatra (4) com superstições proprias de sua

(3) O prefeito estava então mal informado sobre o numero das victimas; e assim devia ser, pois fundou-se em informações muito ligeiras, dadas pelo commissario. *Vide* ainda o que fica dito a respeito no capitulo 7.

(4) Esta asserção tambem é defeituosa por falta de informações exactas, pois que os caza-mentos não eram feitos por elle, mas sim por Frei Simão, ou Manoel Vieira moço. *Vide* ainda o que se dice a tal respeito no final do capitulo 5.

immoral conduta; porem o seo rezultado foi tristissimo, porque Pedro Antonio, irmão do primeiro inventor João Antonio, já intolerante dos dezatinos de similhante caifaz, ou talvez ambiciozo de o substituir no reinado, determinou assassinal-o, (5) como fez no dia quinta-feira 17, dia em que, correndo um dos moradores do lugar, fez avizo ao commissario Manoel Pereira da Silva, e este immediatamente fez reunir uma força composta de vinte e seis guardas nacionaes e paizanos, seguindo no dia sexta-feira, 18 do supracitado mez, do seo sitio Belem, distante do dito lugar da dezordem 8 legoas(6), e já perto encontrando a Pedro Antonio, assassino do barbaro João Ferreira, coroado com uma corôa de cipó, tomada

(5) *Vide* no final do capitulo 7, como teve lugar a morte de João Ferreira.

(6) De Belem a Pedra-bonita são 6 legoas quando muito.

ao seu antecessor, e acompanhado de um grupo de homens e mulheres, que gritavam em altas vozes: «xeguem, que os não tememos, e acudam-nos as tropas do nosso reino;» e com tais alaridos principiaram a brigar de forma que poderam logo (a cacete, espada com que brigavam) matar cinco homens de tropa, e ferirem a quatro, entre os quais mortos foram os cidadãos Alexandre Pereira da Silva, e Cipriano Pereira, irmãos do commissario (perda esta sensível); mas, Exm. Sr., debalde foi o plano dos dezordeiros, que, sendo fortemente atacados, perderam em um instante 29 pessoas, incluzive trez mulheres, alem de feridos, que pelos matos correrão, sendo prisioneiros treze homens, nove mulheres, e doze meninos.

Note V. Ex., que n'aquelle dia 18, as 4 horas da tarde, foi, que me xegou a noticia das primeiras dezordens, não por parte oficial do commissario, mas sim por uma carta particular de pessoa de credito, á vista da qual, a toda

presa, reuni quarenta homens, e logo marxei á frente d'elles para prender os dezordeiros, mas foram malogrados os meos passos; porque xegando perto da Pedra-bonita já tudo estava destruido, como acima levo dito.

Exm. Sr., esta minha asserção não foi só baseada na parte do commissario, mas sim na confissão conteste, que fazem todas as pessoas, e mesmo as crianças de cinco a doze annos, de maneira que, parecendo o cazo um sonho, todavia é real pelas razões, que pondero a V. Ex.

Os prezos, de que faço menção, foram pela minha tropa conduzidos para a cadêia d'esta villa, e d'elles fiz entrega ao juiz commissario, com parte, para conhecer sumariamente, e doze meninos entreguei ao juiz do cível para os mandar distribuir por pessoas, que possam educar, até que V. Ex. providencie a respeito.

Deus guarde a V. Ex.

Prefeitura da comarca de Flores 25
de Maio de 1838.

Illm. e Exm. Snr. Francisco do Rego
Barros, Presidente da Provincia de Per-
nambuco.

Francisco Barboza Nogueira Paes.

CAPITULO XII

Explicação da estampa, ou sintese da historia da Pedra-bonita, ou reino encantado, na comarca de Villa-bella, província de Pernambuco.

1.—Estas duas bellissimas piramides de granito deram denominação ao reino, e têm 148 a 150 palmos de altura cada uma.

2.—Estado em que foram encontrados 28 creanças immoladas pelo fanatismo da seita, afim de apressar a restauração do reino de Dom Sebastião.

3.—Grupo de 11 mulheres igualmente sacrificadas para o mesmo fim.

4.—Grupo de 12 homens igualmente sacrificados para o mesmo fim.

5.—Grupo de 14 cães igualmente sacrificados para o mesmo fim.

6.—Izabel, levada forçozamente ao sacrifício em estado de gravidez para (no dizer do rei) não sofrer duas dôres, dá á luz no acto de receber o golpe.

7.—Jozé Vieira, descarregando um golpe sobre seo proprio filho, faz voar c braço d'este, que de mãos postas brava-lhe: «Meo pai, você não dizia, que me queria tanto bem ?!...»

8.—Carlos Vieira e Jozé Vieira perseguinto e trazendo de novo ao sacrifício uma donzela, que d'elles escapára depois de ferida.

9.—João Pilé, para ter melhor quinhão no reino, precipita-se, com dous netos nos braços, de uma altura maior de 50 palmos.

10.—Especie de bacia ou terraço pensil, onde o rei João Ferreira quotidianamente pregava aos seos sectários.

11.—Pequena caza de pedra, de que se serviam como de uma especie de cenaculo, onde se banqueteavam os dias festivos.

12.—Grande subterraneo formado por baixo de uma só pedra, que a ceita denominava caza-santa, por ser o lugar em que bebiam jurema, e efectuavam os cazamentos do reino.

13.—Pequena rampa de pedra denominada dos sacrificios ou da matança.

14.—Estado em que foi encontrado o cadaver do rei João Ferreira, victima da sua propria doutrina e da argucia de Pedro Antonio, terceiro e ultimo rei.

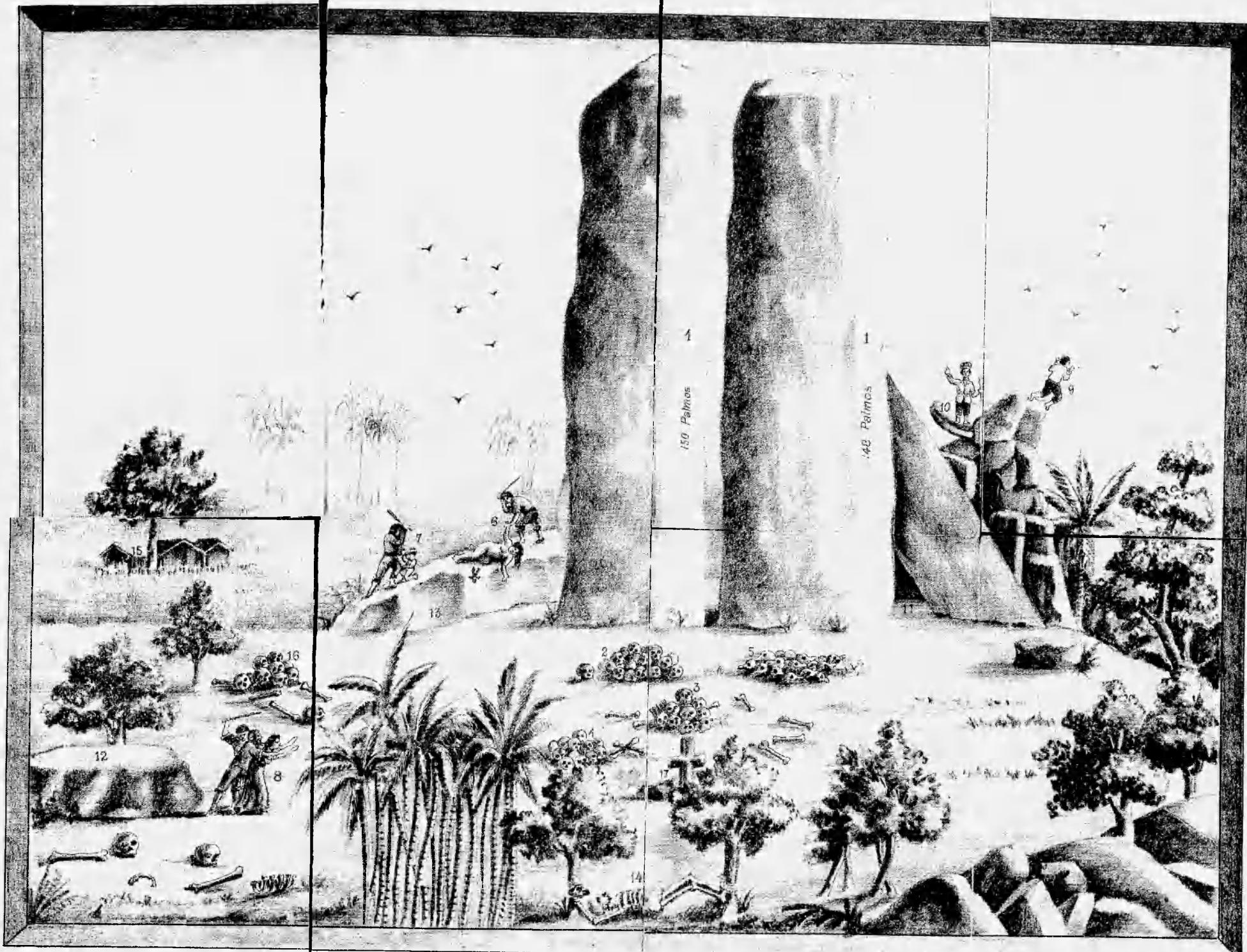
15.—Lugar em que travou-se combate entre as forças legaes commandadas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, e os sebastianistas, commandados por Pedro Antonio, ultimo rei.

16.—Grupo dos sectarios do rei,

falecidos no combate, que tiveram com a força publica, em 18 de Maio de 1838.

17.—Sepultura onde dous nezes depois, em acto de missão, o padre Francisco Corrêia e o povo recolheram a ossada, que jazia no campo, excepto o do rei João Ferreira.





Copia do Quadro explicativo existente no Museo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

LITH. P. BIANCOVILLI - JUIZ DE FORA Minas